

# Da alfândega à mesa-de-cabeceira: como se espalhou a Bíblia em Portugal

Sessão do CEMES, 10 de Dezembro de 2016

igreja  
do  
mirante

Para quem cresceu a ver Bíblias nas mesas-de-cabeceira e nas estantes de casa, a manipular e a ler a Bíblia regularmente, até a memorizar alguns dos seus versículos, pode parecer estranho verificar que isso só passou a ser possível em Portugal há cerca de dois séculos, já que até aí o acesso à Bíblia era praticamente impossível ou até interdito, dada a tradição católica-romana do nosso país. Nesse sentido, pode-se afirmar que os movimentos de avivamento evangélico dos séculos XVIII e XIX, começaram a ter eco em Portugal através da distribuição de Bíblias, traduzidas para a nossa língua materna. Na verdade, o acesso aos textos bíblicos foram uma novidade, uma verdadeira revelação para os nossos bisavós, trisavós,... para os mais novos talvez já os tetravós!

A distribuição da Bíblia pelo território português e o trabalho desenvolvido pela Sociedade Bíblica, então Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, foi o assunto abordado na sessão do CEMES do dia 10 de dezembro, pelas 17,30 h, no Mirante, a última do ano de 2016. Sobre o tema indicado veio-nos falar a historiadora, Rita Mendonça Leite, licenciada em História e Mestre em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação intitulada "Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)". A oradora convidada para esta sessão do CEMES é ainda investigadora do Centro de Estudos de História Religiosa, uma unidade de investigação da Universidade Católica Portuguesa (CEHR-UCP), onde trabalha na área da História Religiosa e das correntes cristãs na época moderna e contemporânea, com destaque para as questões do protestantismo e da diferenciação religiosa no Portugal Contemporâneo. Atualmente, encontra-se a fazer doutoramento em torno da temática: «A Sociedade Bíblica em Portugal como experiência de diversificação sociocultural e religiosa no século XIX: o debate entre texto e autoridade». Na tese, que vai defender muito em breve, aborda a ação da Sociedade Bíblica de Portugal no século XIX: o quotidiano da colportagem como motor e expressão da diferenciação religiosa na sociedade portuguesa oitocentista. Presentes estiveram cerca de 40 interessados por estas questões históricas, entre eles outros historiadores.

Rita Mendonça Leite começou por manifestar o seu regozijo por regressar à Igreja do Mirante, um espaço com fortes relações com o tempo e os temas que têm sido alvo das suas investigações. Iniciou a sua apresentação referindo que tendo a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira sido constituída em Londres em 1804, logo o seu trabalho se começou a expandir por outros países, também por Portugal, a começar pela ilha da Madeira. Data de 1809 a primeira distribuição de edições bíblicas no nosso país, segundo a tradução para a

língua portuguesa de João Ferreira de Almeida. Desde 1809 até 1864, o trabalho de divulgação dos textos bíblicos em Portugal esteve ligado à ação das comunidades estrangeiras radicadas no nosso país, nomeadamente a comunidade britânica. Devido à sua influência, essas comunidades foram divulgando as edições bíblicas, não apenas a tradução de João Ferreira de Almeida, mas também a tradução para o português do Padre António Pereira de Figueiredo, um sacerdote católico-romano que também traduziu o texto bíblico para o português, mas a partir da Vulgata Latina, já que essa era a tradução autorizada na época. Entre Bíblias completas, Novos Testamentos e as denominadas porções, como o Livro dos Salmos ou as Epístolas de Paulo, de 1809 a 1840 terão sido vendidos 2 500 000 exemplares de edições bíblicas.

A fundação de uma agência em Lisboa da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira só ocorreu em 1864, tendo sido designado como seu primeiro agente Francis H. Roughton (1864 a 1869), um inglês com fortes raízes em Portugal. A função do agente era ser o coordenador da Sociedade Bíblica em cada país e o responsável pelo envio de correspondência sobre o trabalho aí desenvolvido. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira publicava um relatório anual de toda a correspondência trocada com os agentes nos diversos países, num documento que designava por Livro dos Agentes. Esse relatório era depois enviado para todos os países a que fazia referência. Entre os documentos que consultou em Cambridge sobre a Sociedade Bíblica, a oradora teve acesso a cerca de 140 exemplares desses Livros dos Agentes. Em todos os que consultou verificou que existiam referências a Portugal, dando conta dos avanços e recuos do trabalho que aqui estava a ser desenvolvido. Para além dos agentes existiam os colportores que eram que eram vendedores ambulantes de livros, neste caso de Bíblias. Inicialmente, os colportores só se apresentavam nos mais diversos lugares para vender Bíblias e estavam proibidos de evangelizar, para não serem acusados de proselitismo. No século XIX era evidente a promiscuidade entre poderes judiciais e autoridades religiosas. Aliás, o Código Penal Português de 1852 considerava crime converter as pessoas ao Protestantismo. Por isso, o único objetivo dos colportores era distribuir a Bíblia e a eficácia do seu trabalho era avaliada pela Sociedade Bíblica. A partir de 1871, os relatórios anuais da Sociedade Bíblica continham testemunhos dos colportores, mas por segurança e para impedir perseguições, sem divulgar as terras onde eles tinham vendido as Bíblias. Por onde passavam os colportores eram chamados de tudo, desde protestantes a maçons, comunistas e jesuítas! Só em finais do século XIX, no tempo que remonta à fundação das conhecidas por Igrejas Protestantes, como as Igrejas Metodista e Lusitana é que os colportores também se tornaram evangelistas. Por volta de 1880 circulavam por Portugal 10 a 14 colportores, que se deslocavam aos lugares mais recônditos do nosso país, para levar a Palavra de Deus até lá. As Bíblias eram sempre vendidas, mas a baixo custo. Era atribuído a

---

cada exemplar um preço que por um lado relevasse o valor do seu conteúdo, mas que por outro também a tornasse acessível a bolsas menos abonadas. A doação de Bíblias só era feita às Escolas Diárias das Igrejas Evangélicas que premiavam com Bíblias os seus alunos mais assíduos e com melhor aproveitamento. Existiam depósitos de Bíblias da Sociedade Bíblica, que também funcionavam como livrarias. Para promover a leitura da Bíblia, mesmo por quem passava na rua, na sede da Sociedade Bíblica, no Largo Camões, a página da Bíblia colocada na montra era virada todos os dias. Para além da sede e depósitos da Sociedade Bíblica em Lisboa, nos finais do século XIX, o depósito da Sociedade Bíblica no Porto localizava-se na R. Mouzinho da Silveira, nº 89. Nas feiras funcionavam também barracas da Sociedade Bíblica, as Biblevan. A ACM (Associação Cristã da Mocidade) com a sua ação cultural e social juvenil também mantinha estreita cooperação com a Sociedade Bíblica.

A historiadora Rita Mendonça Leita apresentou listas dos nomes de vários agentes da Sociedade Bíblica em Portugal e dos primeiros colportores, que viajavam a cavalo, em carruagens, mais tarde de comboio, transportando as Bíblias de terra em terra e visitando prisões e hospitais. Algumas mulheres também se envolveram na tarefa de distribuir Bíblias, ficando conhecidas pelas Bible Womem. Entre os sucessivos agentes da Sociedade Bíblica indicados destacamos Robert Moreton, filho do que foi o primeiro Superintendente-Geral da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, com o mesmo nome do pai. O filho do Rev. Robert Moreton exerceu a função de agente da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira desde 1902 a 1935, no que foi sempre apoiado pelo pai, na cidade do Porto. Entre os nomes dos agentes referidos, também sublinhamos o nome do Rev. Augusto Esperança (1969-1997), que ainda jovem pastor, temporariamente, foi Pastor da Igreja do Mirante e durante muitos anos sempre bem acolhido no nosso meio, todas as vezes que nos visitava para dar conta, precisamente, do trabalho que estava a desenvolver na Sociedade Bíblica.

O debate foi animado pelas várias questões levantadas por diversos intervenientes, todas elas pertinentes. Tendo em consideração a época abordada, foi assinalada a área de intervenção alargada da Sociedade Bíblica, assim como trabalho pioneiro dos colportores, que tinham de enfrentar tanto ambientes urbanos, anticlericais, como os da província, tremendamente religiosos, mas sobre a forte influência dos padres. A essas dificuldades, acrescia a de ter de vender Bíblias, sem passar qualquer mensagem religiosa. Alguns dos presentes defenderam que os colportores para além de funcionários da Sociedade Bíblica seriam pessoas convertidas. Foi ainda destacada a escolarização dos portugueses promovida pelas Escolas Diárias das Igrejas Evangélicas como impulsionadora da venda e leitura da Bíblia no nosso país, nomeadamente na época em que se verificou um acréscimo dessas vendas pela Sociedade Bíblica.

---